

Rita, escrava, orizicultora e inovadora

Como outros escravos levados para os Estados Unidos e o Brasil, Rita contribuiu para o desenvolvimento da cultura do arroz do outro lado do Atlântico. Nascida numa aldeia balanta nos finais do século XVIII, foi-lhe dado pelos escravagistas o nome com que ficou na História. Ela podia ter sido um dos milhões de escravos anónimos que, pelo seu trabalho nas plantações e minas, contribuíram para a prosperidade das nações da Europa, das Américas e do mundo.

Não só a agricultura e as minas beneficiaram do trabalho escravo nas Américas. Vários outros sectores económicos foram impulsionados e alimentados pelo comércio triangular entre a Europa, a África e as Américas baseado no tráfico e exploração dos escravos e usufruíram dos capitais acumulados graças ao trabalho forçado e gratuito. Entre esses sectores encontram-se a indústria naval, com a construção de grandes portos europeus, como por exemplo os de Nantes e Liverpool, a indústria textil que foi determinante na industrialização da Grã-Bretanha, a siderurgia, os bancos, as finanças, os seguros. Se as contribuições dos escravos e das escravas nesses domínios são pouco conhecidas do grande público, menos ainda o são nas áreas da Ciência, das Tecnologias e da Inovação.

Sabe-se que uma escrava que contribuiu para o desenvolvimento da orizicultura além-atlântico, foi Rita. Ela era propriedade de João Diogo de Souza, no Maranhão, Brasil. Cerca de 75% dos escravos ao lado dos quais a Rita trabalhava, nasceram no atual território da Guiné-Bissau. Segundo o historiador Walter Hawthorne, da Michigan State University dos EUA, ela teria sido levada para o Brasil quando tinha uns vinte anos. Nessa altura, tal como as outras raparigas balantas da sua idade, já tinha aprendido a cultivar o arroz. Ela viajou para Maranhão com conhecimentos fitotécnicos e genéticos do arroz que aplicou no seu país de cativo!

Especialistas como Peter H. Wood, Daniel C. Littlefield, Judith A. Carney e Edda Fields-Black provaram que os camponeses da Alta Guiné (incluindo a Guiné-Bissau), levados como escravos no século dezoito, introduziram tecnologias úteis e importantes para o estabelecimento e expansão de sistemas orizícolas, no Sul dos Estados Unidos. Segundo Carney os escravos guineenses contribuíram substancialmente para *o sistema de conhecimentos [orizícolas nas Américas] não somente a planta ou a semente, mas também competências relativas a todo o complexo de técnicas, tecnologias e processamento. Os conhecimentos dos escravos tiveram um papel importante na evolução da orizicultura nos Estados Unidos.* Aqui e no Brasil, os conhecimentos e tecnologias oriundos da África sofreram então outras influências e foram adaptados às novas condições ambientais, demográficas e económicas.

No contexto em que Rita viveu e trabalhou como escrava, o arroz africano *Oryza glaberrima*, já tinha sido introduzido no século XVI, na Baía, a partir da Alta Guiné mas as técnicas do seu cultivo eram pouco conhecidas. Hawthorne e outros autores demonstraram que o trabalho de Rita e de outras mulheres guineenses deve muito aos conhecimentos orizícolas que adquiriram no seu país de origem.

Segundo Hawthorne, *a divisão do trabalho entre homens e mulheres no Maranhão, conferiu às mulheres, mais que aos homens, espaço para criatividade. Tal como noutros lugares, os proprietários de escravos, não podiam fazer aplicar todas as regras. Por opção ou necessidade, permitiram às mulheres maior espaço de manobra.*

Texto de José Filipe Fonseca